



30^º CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

**Bibliotecas Fortes:
Sociedade Democrática Recife, PE**

Eixo 2 – O advocacy de todo dia

Modalidade: trabalho completo

Oficina de Leitura Crítica sobre a *Retórica* de Aristóteles: relato de experiência de uma ação de extensão

Critical Reading Workshop on Aristotle's Rhetoric: experience report of an outreach action

Bruno Graciosa – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

José Cláudio Morelli Matos – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Leonardo Ripoll Tavares Leite – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Joanice Maria Dartora – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Resumo: Relata a experiência do projeto Oficina de Leitura Crítica, ligado ao programa de extensão “Comissão de Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital” (CIDAD), cujo tema foi a obra *Retórica*, de Aristóteles. Expõe fundamentos conceituais e metodológicos da Oficina, e um breve histórico do projeto. Descreve como foram conduzidas as duas edições da oficina sobre a *Retórica*, as diferenças entre o formato presencial e remoto. Apresenta os principais tópicos discutidos e resultados alcançados. Relaciona a retórica com a discussão pública e o fenômeno da desinformação e seu combate. Defende o desenvolvimento da leitura crítica como uma habilidade que promove a confiabilidade informacional.

Palavras-chave: Oficina de leitura. Retórica. Desinformação.

Abstract: Reports the experience of the Critical Reading Workshop project, linked to the outreach program "Commission for Informational Reliability and Misinformation Combat in the Digital Environment" (CIDAD), whose theme was the book *Rhetoric*, by Aristotle. We expose conceptual and methodological foundations of the Workshop, and the history of the project. We describe how the two editions of the workshop on *Rhetoric* were conducted, the differences between face-to-face and remote format. We present the main topics and results achieved. We relate rhetoric to public discussion and the phenomenon of disinformation and its combat. We defend the development of critical reading as a skill that promotes informational reliability.

Keywords: Reading workshop. Rethoric. Disinformation.





1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um relato de experiência sobre uma ação de extensão denominada Oficina de Leitura Crítica, componente das atividades realizadas pelo programa de extensão Comissão de Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital (CIDAD). O CIDAD funciona a partir de uma parceria entre a Biblioteca Universitária (BU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Em vigor na UFSC desde 2018 e na UDESC desde 2021, o programa possui dentre seus objetivos, planejar, executar e institucionalizar pesquisas, ações e serviços sobre a confiabilidade informacional, buscando ampliar as atuações das bibliotecas e universidades no combate à desinformação. O CIDAD atualmente integra a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD) e a Rede da Ciência da Informação de Estudos sobre Desinformação (RECIDES). O programa evoluiu a partir de uma das primeiras dissertações defendidas na área da Ciência da Informação brasileira sobre o tema da desinformação, para uma comissão de trabalho na Biblioteca Universitária da UFSC e, a partir de então, para um programa de extensão que se ramificou em 2021 para a UDESC.

Entre as atividades mais recorrentes do CIDAD encontram-se a realização de cursos, oficinas e capacitações; a publicação de pesquisas e produções intelectuais e a organização de *lives* e eventos. Dentre essas atividades, destacam-se os cursos “Filosofia da Informação”, “Desinformação e Emoção” e “Identificando Mentiras na Internet”, o evento anual “Seminário de Confiabilidade Informacional” e a “Oficina de Leitura Crítica”¹. É acerca do funcionamento desta última que se refere o presente relato de experiência.

A Oficina de Leitura Crítica propõe a condução de reuniões periódicas para a prática da leitura conforme a metodologia da leitura reflexiva dialogada. Trata-se de um exercício guiado de leitura crítica em tempo real, de uma reflexão acerca da leitura crítica

¹ informações completas sobre as atividades do CIDAD estão em seu site <https://cidad.bu.ufsc.br/>. Já a história do seu surgimento e sua fundamentação teórica podem ser vistas em Ripoll, Custódio e Matos (2018).

como estratégia de combate à desinformação e de um treinamento de métodos de interpretação e reconhecimento de argumentos em textos.

Na Oficina, toma-se os textos teóricos, literários e filosóficos como artefatos simbólicos e informacionais, abertos à interpretação, à reflexão e à crítica. Segundo a metodologia da Oficina, o participante pode frequentá-la de modo contínuo, ou participar da leitura dos textos que mais o interessam. Além disso, a escolha dos textos é feita tanto pela equipe como pelos próprios participantes, de acordo com suas necessidades e preferências.

Apesar de atualmente fazer parte das ações do CIDAD, a Oficina de Leitura Crítica é uma atividade realizada muito antes da criação do programa, e sua história remonta a 2006 na UDESC, quando um grupo de estudantes iniciou com o professor José Claudio Matos (docente do departamento de Biblioteconomia na UDESC e um dos coordenadores do CIDAD), um grupo para leitura de textos clássicos. Ao longo dos anos, o projeto vigorou em diversas versões, em espaços como o Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) e a BU da UDESC. Passaram por ele diversos estudantes bolsistas, e participantes internos e externos à UDESC, para os quais a experiência da Oficina de Leitura Crítica procurou contribuir para a sua formação acadêmica e humanística.

Produções como livros, capítulos de livros, artigos e comunicações disseminaram o conhecimento gerado pela Oficina (Matos, 2008; Matos *et al.*, 2010; Matos, 2011; Matos *et al.*, 2017; Ripoll; Matos; Oliveira, 2020). Pesquisas e ações pedagógicas no ensino de graduação se desenvolveram em simbiose com a Oficina de Leitura Crítica. Agora, como ação vinculada ao CIDAD, esta trajetória tem continuidade, visando aprofundar as práticas de leitura, com foco na capacitação do público para defender-se da onda de desinformação e buscando a reflexão sobre o conhecimento e a cultura.

Na edição do primeiro semestre de 2024, a Oficina de Leitura Crítica abordou como tema a obra *Retórica*, de Aristóteles. Esse tema sugere uma reflexão sobre a arte de convencer e informar o público pela palavra. Junto com a lógica, a retórica é essencial para a compreensão e para o rigor nos processos de diálogo e de comunicação. Estando essa comunicação possivelmente comprometida, devido ao avanço de formas de desinformação, foi considerado relevante retornar aos fundamentos da retórica para discutir a qualidade e a confiabilidade da discussão pública sobre os assuntos de interesse da sociedade.

Nas sessões seguintes, o argumento desenvolverá um relato visando a consideração reflexiva e crítica sobre a Oficina realizada neste ano. Como proposta metodológica, a discussão partirá de alguns fundamentos conceituais, passando para a descrição de como foram desenvolvidas as sessões da Oficina e, finalmente, propondo considerações de alguma relevância sobre a atividade e, em geral, sobre iniciativas de combate à desinformação.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Em espaços de mediação de leitura, como são as escolas, universidades e, com mais razão ainda, as bibliotecas educacionais (escolares e universitárias), é comum o desenvolvimento de clubes de leitura, círculos de leitura ou similares, cuja proposta é aprofundar a compreensão e o uso, por assim dizer, do texto escrito como um artefato informacional.

A prática da leitura em grupo exige um método que promova a coordenação da atividade. Se o método for eficaz, tende a permitir a interação entre as diversas interpretações de cada leitor componente do grupo, de forma a produzir uma interpretação coletiva, resultado de um processo que deve ser considerado comunicativo, no sentido mais rigoroso do termo. Esse método começou a ficar claro para a aplicação nas sessões da Oficina de Leitura, no ambiente da UDESC, quando pesquisas sobre o pensamento do filósofo e educador John Dewey conduziram à aplicação das suas teorias da comunicação e do pensamento reflexivo ao caso da leitura.

Em um artigo intitulado *A interpretação de textos e a formação da pessoa reflexiva: sobre a concepção deweyana da leitura* (Matos, 2013), foi desenvolvida uma concepção de leitura, que tornaria possível o emprego de um método para a condução das oficinas de leitura. Ali se discute alegações como:

Ao percorrer um texto, acompanhando e decifrando seu sentido, o leitor reflexivo está seguindo sugestões, atribuindo a elas diferentes valores, conforme sua própria experiência e conforme a situação na qual elas se apresentam. A descoberta desta solução, por sua vez, caracteriza a consumação de uma experiência que a relação com o texto provoca (Matos, 2013, p. 587).

Nos projetos e demais produções que envolvem a Oficina e o CIDAD, esse método de leitura em grupo passou a receber a denominação de “leitura reflexiva dialogada”, como referência às ideias de Dewey.

3 A OFICINA DE LEITURA CRÍTICA SOBRE A RETÓRICA DE ARISTÓTELES

3.1 Edição presencial

A edição presencial da Oficina ocorreu durante o mês de abril de 2024, nas quintas-feiras, dias 04, 11, 18 e 25 do mês, das 10h30min às 12h. A divulgação iniciou com antecedência de um mês e foi feita pelos canais de comunicação da UDESC e do CIDAD, através de uma colaboração com a biblioteca Universitária da UDESC. No dia 28 de março, foi feita uma *live* de lançamento da Oficina no canal da BU/UDESC no Youtube, para apresentar o tema e sua relevância no combate à desinformação, além de fazer um chamado a todas as pessoas que desejassem participar dos encontros presenciais. Nessa *live*, acompanharam ao vivo cerca de 100 pessoas, porém a maioria declarou que tinha disponibilidade apenas para a oficina em formato remoto.

A Oficina aconteceu na “Sala Dinâmica”, que fica dentro da Biblioteca Central da UDESC, a qual é um espaço equipado com quadro, projetor, ar-condicionado, pufes e almofadas. Perfeito para o tipo de dinâmica proposta pela oficina. Participaram dos encontros um total de oito pessoas, além do professor ministrante, dentre elas dois estudantes de pós-graduação, quatro estudantes de graduação e dois servidores técnico-administrativos da UDESC. No primeiro dia foi entregue a todos os participantes uma cópia impressa do texto *A Retórica* de Aristóteles. Depois de uma breve introdução, em que se falou sobre como explorar o texto para entender o pensamento humano, foram expostos comentários sobre manipulação e linhas de defesa de ideias, e explicado sobre a metodologia da leitura reflexiva dialogada.

Os participantes foram organizados em um círculo e a cada um foi solicitado a leitura de um trecho do texto, em voz alta. Após cada leitura, foram feitas algumas perguntas aos participantes acerca do que tinha sido lido. Depois das respostas iniciais, utilizou-se o quadro para debater os principais pontos do texto, fazer uma contextualização histórica e explicar alguns conceitos que se julgou necessário, porém

de uma forma dinâmica, sempre prevalecendo o diálogo, em momentos que um pequeno trecho era capaz de gerar debates de até meia hora.

Em um desses debates, por exemplo, ainda na introdução do texto, foi apontado por um dos participantes o quão semelhantes são a dialética e a retórica, pois ambas possuem uma base argumentativa e trabalham na defesa do argumento. Esse pensamento foi anotado no quadro e, a partir de então, explicou-se que tanto a dialética quanto a retórica são a arte de discutir sobre o que quer que seja, podendo abranger qualquer assunto, e ambas são encontradas tanto na ciência quanto na vida comum. Podem ser praticadas tanto por especialistas que dominam essa arte e conhecem todas as suas sutilezas, como por pessoas autodidatas, que através do hábito percebem o que funciona na sua retórica, ou até mesmo por leigos, que não tem esse conhecimento aprofundado, mas utilizam a retórica ao acaso.

Pontua-se que isso foi algo muito interessante que Aristóteles observou, pois o autor percebe que se a retórica pode ser praticada ao acaso ou por hábito, ela também pode seguir um método, pois é possível estudar a razão pela qual a retórica funciona dessas formas. Viu-se que Aristóteles fez uma análise de tudo que foi escrito antes sobre o tema da retórica e, após esse estudo, apontou que não existia nenhuma teoria geral da retórica, pois os autores anteriores se preocuparam apenas com os acessórios do tema que, no ponto de vista de Aristóteles, eram o uso de uma má retórica, que apelava para os sentimentos, o ódio, as paixões, esquecendo o essencial, que seria o corpo da prova ou os argumentos retóricos.

Continuando a leitura do texto, expôs-se que Aristóteles aponta três personagens principais na arte da retórica, que são a figura do orador, do oponente e do juiz. O orador vai utilizar a retórica para se preocupar com o corpo da prova, que é o argumento propriamente dito, ou vai apelar para os acessórios. O oponente vai defender sempre o contrário daquilo que o orador diz e o juiz irá julgar quem está dizendo a verdade sobre esse desacordo ou litígio. Esse é um cenário muito parecido com a dinâmica conhecida do poder judiciário. O papel do juiz é julgar o discurso com base nas leis, por isso a figura do legislador é tão importante, pois tudo isso que está sendo discutido entre o orador e o oponente serve para saber quem tem a sua razão baseada na legitimidade do argumento ou na lei.

Quando se falou sobre o uso da má retórica, uma das participantes relatou que em sua infância os adultos sempre a alertavam para não acreditar em tudo o que ela via na internet, porém hoje em dia esses mesmos adultos acreditam em qualquer informação compartilhada, principalmente por canais não oficiais, e que não possuem nenhuma responsabilidade ética ou jornalística. Ela se questionou em que momento houve essa mudança de perspectiva e como argumentar com essas pessoas. Outro participante responde, dizendo que - na opinião dele - a desinformação é um projeto político/social e que acontece de forma deliberada, com intuito de manipular e enganar a população.

Durante essa discussão, outros participantes também apontaram que conseguem observar o uso da má retórica na propaganda, para convencer as pessoas, como também nas igrejas, por exemplo. Argumentou-se que o combate à desinformação deve acontecer de duas maneiras: de um lado deve haver a regulação, na forma de uma discussão ampla de boas leis, das quais participem instituições como a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD), o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o Supremo Tribunal Federal (STF), universidades, órgãos de imprensa e pessoas que entendam de tecnologia digital, tal qual foi feito com o Marco Civil da Internet (Brasil, 2014). Citou-se também o Projeto de Lei nº 2630/2020, que pretende instituir a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet (Brasil, 2020), inicialmente conhecida como *“lei das fake news”*.

Apontou-se, também, que a maioria das leis que discutem sobre ciência ou tecnologia têm uma lista muito grande de definições e, às vezes, essas definições são mais importantes do que a própria ordem que a lei dá. O reconhecimento de um aparato conceitual na lei educa a sociedade do jeito que talvez nenhum livro ou artigo científico consegue fazer. Um exemplo disso é a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) (Brasil, 2018). Quanto mais detalhadas, precisas ou informativas forem as leis, mais o discurso público vai em direção ao corpo da prova e não na direção das alegorias e acessórios persuasivos.

Outra forma de combate à desinformação relatada foi pelo aumento da qualidade da discussão pública, tema muito relevante e que pode gerar grupos de estudo que aprofundem essa ideia, que tem a ver com a administração pública, mas também deve se dirigir à administração privada, mostrando como é possível essas organizações



participarem ou se beneficiarem do incremento da qualidade da discussão pública, não em termos ideológicos, mas científicos.

Os encontros geraram muitos debates, porém todos de forma respeitosa, em que a troca de experiências e opiniões enriquecia o diálogo. Esses quatro encontros foram capazes de criar certo vínculo de comunicação entre os participantes, que saíram satisfeitos, com um repertório mínimo para identificar o uso da má retórica como forma de manipulação e continuar encontrando formas de combater a desinformação, evoluindo o tema da qualidade da discussão pública.

3.2 Edição remota

A edição remota surgiu do interesse de muitas pessoas que assistiram à primeira *live*, no dia 28 de março de 2024, mas que não puderam participar da edição presencial. Sugeriu-se, na época, que elas se inscrevessem e colocassem na ficha de inscrição a observação de que só poderiam participar da oficina remotamente. Observou-se, assim, que existia uma grande demanda para realizar uma nova edição da Oficina de Leitura Crítica “Retórica, de Aristóteles”. Com carga horária de 8h, e nova *live* de abertura no dia 10 de junho, a edição remota da Oficina teve três encontros nas terças de junho (dias 11, 18 e 25), no horário das 19h às 20:30h. A *live* aconteceu novamente no YouTube da BU/UDESC e os encontros pela plataforma Microsoft Teams. Com um total de 100 pessoas inscritas, a lista de participação se deu conforme o quadro 1.

Quadro 1 – Número de pessoas inscritas e presenças nas sessões

Inscritos	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3
100	50	40	35

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Descrição: Um quadro, com quatro colunas e duas linhas. Na primeira coluna tem a palavra “Inscritos” e na linha de baixo está o valor “100”. Na segunda coluna está escrito “Sessão 1” e na linha de baixo está o valor “50”. Na terceira coluna está escrito “Sessão 2” e na linha de baixo está o valor “40”. Na quarta e última coluna está escrito “Sessão 3” e na linha de baixo o valor “35”.

A partir dos dados coletados através da ficha de inscrição da Oficina, foram elaborados dois quadros que trazem alguns dados sobre os participantes:

Quadro 2 – Instituições vinculadas aos inscritos

INSTITUIÇÕES			
UDESC	UFSC	IFSC	Outras

28	32	12	28
----	----	----	----

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Descrição: Um quadro, com quatro colunas e três linhas. Na primeira, abrangendo todas as quatro colunas, está escrito “Instituições”. Na segunda linha e primeira coluna tem a palavra “UDESC” e na linha de baixo está o valor “28”. Na segunda linha e segunda coluna está escrito “UFSC” e na linha de baixo está o valor “32”. Na segunda linha e terceira coluna está escrito “IFSC” e na linha de baixo está o valor “12”. Na segunda linha e quarta e última coluna está escrito “Outras” e na linha de baixo o valor “28”.

Quadro 3 – Ocupação dos inscritos

OCUPAÇÃO								
Graduação	Mestrado	Doutorado	Docente	Bibliotecário	Téc. Adm.	Ens. técnico	Publicit.	Ensino médio
52	17	2	13	7	3	5	1	1

Fonte: Elaborada pelos autores

Descrição: Um quadro, com nove colunas e três linhas. Na primeira linha, abrangendo todas as nove colunas, está escrito “Ocupação”. Na segunda linha e primeira coluna tem a palavra “Graduação” e na linha de baixo está o valor “52”. Na segunda linha e segunda coluna está escrito “Mestrado” e na linha de baixo está o valor “17”. Na segunda linha e terceira coluna está escrito “Doutorado” e na linha de baixo está o valor “2”. Na segunda linha e quarta coluna está escrito “Docente” e na linha de baixo o valor “13”. Na segunda linha e quinta coluna está escrito “Bibliot.” e na linha de baixo o valor “7”. Na segunda linha e sexta coluna está escrito “Téc. Adm.” e na linha de baixo o valor “3”. Na segunda linha e sétima coluna está escrito “Ens. Técnico” e na linha de baixo o valor “5”. Na segunda linha e oitava coluna está escrito “Publicit.” e na linha de baixo e valor “1”. Na segunda linha e nona coluna está escrito “Ensino médio” e na linha de baixo o valor “1”.

Com a modalidade remota, participantes de diversos Estados puderam se inscrever. Ao final da Oficina, os certificados foram enviados por e-mail aos participantes que perfizeram o total 75% da carga horária. As gravações dos encontros estão disponíveis no Youtube pelo link https://www.youtube.com/playlist?list=PL468Lnp3H_k6GUOx-MSL7FNkyHhgVg8nA.

O relato dos encontros da modalidade remota será feito, desta vez, procurando desenvolver teoricamente o conteúdo abordado, ao invés de descrever detalhadamente as atividades desenvolvidas em cada dia. Durante os encontros, foram selecionados trechos que apresentavam potencial para a reflexão em relação a alguns aspectos do fenômeno da desinformação. Ressalta-se que nas obras de lógica de Aristóteles, encontra-se a base para a teoria da argumentação formal. Os princípios de organização e categorização do saber, presentes em diversas áreas do conhecimento, ainda refletem, em grande parte, as ideias propostas por Aristóteles.

Já nas falas iniciais, relatou-se o contexto das obras de Aristóteles, a relação e diferença da retórica com a poética, uma vez que a primeira é mais próxima da lógica do que da literatura, ou seja, a retórica tem mais a ver com o raciocínio, a maneira correta

de provar um ponto, do que com a beleza e harmonia, que são alvo da poética. Ao compreender a retórica como a outra face da dialética, pode-se reconhecer a importância da argumentação crítica e eficaz na vida cotidiana.

A retórica permite defender ideias, influenciar pessoas e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. A dialética exige a disposição para o diálogo, em oposição ao monólogo. Não se trata apenas de ouvir passivamente, mas sim de se envolver ativamente na construção conjunta do conhecimento. Assim, dialética e retórica não são faces opostas da mesma moeda, mas sim aspectos complementares de um mesmo processo. Ambas são essenciais para a comunicação eficaz e a busca pelo conhecimento.

Argumentou-se que nesse processo, a retórica se torna essencial para defender o ponto de vista de cada um e alcançar um consenso ou entendimento mútuo. No entanto, é comum que no contexto das mídias sociais, pratique-se a má retórica, que fomenta a desinformação no debate público. A construção de conhecimento confiável exige um conjunto de fatores interligados, como a expertise dos autores, o compromisso ético, a fiscalização pelos pares, a minimização da subjetividade e o rigor metodológico.

A retórica se configura como uma arte, técnica, ciência e método, uma sabedoria que transcende a mera teoria para se manifestar na prática. Foi destacado que a retórica é considerada por Aristóteles como a arte de usar todos os meios disponíveis com a finalidade de persuadir. Trata a retórica, portanto, do argumento que provoca persuasão pela utilização de técnicas, recursos ou procedimentos relacionados à condição na qual o proponente (o orador, quem fala, quem faz o discurso) se apresenta. Isso também se relaciona com o próprio discurso, a maneira como ele é oferecido e formulado, como ele é apresentado, e também com o público, com as disposições nas quais o público se encontra e que facilitam ou impedem a persuasão.

Frequentemente, a Oficina de Leitura Crítica se utiliza de digressões para realizar comparações, inferências e reflexões sobre um fenômeno que se relaciona diretamente com a retórica: a desinformação. Por quê? Porque se a retórica trata da persuasão e a desinformação é justamente aquele tipo de discurso que persuade, mas que conduz ao engano, então a desinformação acaba sendo um subtema desse grande campo de discussão, que é o campo da retórica. Da mesma forma, não deve ser novidade a importância da retórica no processo político. Porque em todas as sociedades

organizadas, o exercício da justiça política e o exercício do poder, estão relacionados não somente ao uso da força, mas também relacionados à proposição de opiniões e ideias que convencem, que provocam adesão, que provocam crença, certeza, convencimento e persuasão. De todos os espaços onde a retórica encontra ocasião de aplicação, provavelmente o espaço do debate público é o espaço mais evidente.

Quando se fala em “debate público”, a expressão refere-se a todas as discussões que um determinado público realiza, com especial ênfase para a discussão política, entendida aqui não apenas como discussão da política no sentido do exercício do poder, mas em relação a aquilo que é de interesse coletivo. O debate público se caracteriza por um conjunto amplo de discussões, realizadas por um determinado grupo de pessoas. Abrange, portanto, um espectro mais amplo de ideias e perspectivas.

Em determinado momento, uma participante da Oficina trouxe uma observação interessante: a retórica e a dialética se diferenciam em áreas como a medicina e a psicologia, que possuem um objeto de estudo específico: a doença, a saúde, a mente. Uma vez que possuem seus próprios objetos de estudo, então a retórica e a dialética não se restringem a um único tema. Argumentou-se que o foco central reside no convencimento e na construção de argumentos sólidos em qualquer área do conhecimento. A preocupação da Oficina seria discutir que tipo de argumento é esse que vem da retórica, e a diferença entre o argumento científico e o argumento de senso comum, entre o conhecimento do especialista e o conhecimento do cidadão comum esclarecido. Um público esclarecido que não é especializado, de um lado, e o cientista do outro. Como a retórica está situada entre esses dois pontos? Ou seja, a retórica trata de assuntos que não são matéria nem da medicina, nem da psicologia, nem de qualquer outra área de uma maneira específica.

Portanto, um ponto que precisa ser considerado é a diferença entre a maneira de pensar, de comunicar conhecimento, dentro de uma comunidade científica especializada e a maneira de comunicar conhecimento, de convencer, de persuadir, de explicar para quem não é especialista, para um público de gosto variado, para as pessoas comuns, para quem não tem treinamento específico em determinado conteúdo.

No caso do negacionismo, a estratégia central é a persuasão através da dúvida e do enfraquecimento da percepção de consenso entre o público não especializado. A estratégia de Aristóteles, de falar da função da retórica relacionando-a a um público que

não é capaz de “ver muitas coisas ao mesmo tempo” ou de “seguir uma longa cadeia de raciocínio”, significa revelar um conhecimento que é muito útil a quem procura entender o mecanismo de comunicação científica, de divulgação científica, de compreensão pública da ciência. Assim como também serve para compreender casos de produção de desinformação, como o negacionismo.

Algumas estratégias retóricas estão no ato de trabalhar com poucas premissas, parar evitar sobrecarregar o público com informações complexas, aumentando a probabilidade de que ele compreenda e aceite a argumentação. Além disso, utilizar exemplos e analogias relacionados à realidade do público facilita a assimilação das ideias e fortalece o poder de persuasão. É preciso considerar que a maioria dos fatos que se quer provar na comunicação cotidiana não pode ser demonstrada com certeza absoluta. Nesse sentido, os silogismos retóricos, baseados em premissas prováveis, são ferramentas essenciais para construir argumentos convincentes e alcançar os objetivos comunicativos.

A conclusão dos participantes foi a de que o território da retórica é, em grande parte, o território da probabilidade daquilo que pode ser verdade, mas que tem uma certa margem de erro, de possibilidade de equívoco. Não há uma comprovação definitiva, absoluta. Não há uma demonstração, uma prova acima de qualquer suspeita. É por isso que a retórica existe. Existe porque é preciso que chegar a algum consenso sobre matérias em que a verdade não pode ser completamente estabelecida, como é o caso de diversas coisas no senso comum, ou das matérias que, mesmo sendo alvo de pesquisa científica, para o grande público, que não é especialista, ainda resta algum território para dúvida ou para discussão. Há um acordo, há um consenso, há uma convergência em direção à opinião mais persuasiva.

No entanto, o uso da retórica de forma má intencionada, para produzir falácias e perpetuar dogmatismos, é também um caminho frequente na vida em sociedade. Atualmente, isso se materializa no atual cenário da desinformação. Nesse sentido, a omissão da classe científica, da classe de especialistas, de tentar se comunicar com o público por meio da boa retórica, deixa a desinformação se espalhar. O grande chamado que se faz é de que o conhecimento especializado seja oferecido, discutido, debatido, inserido no público como uma estratégia de boa retórica contra a retórica da desinformação.

Em vez de cientistas e acadêmicos apenas se preocupando em se comunicar entre pares, torna-se fundamental se engajar no diálogo com o grande público, por meio da retórica. Ao discursar para um público amplo, é crucial considerar as limitações de conhecimento e experiência dos ouvintes. Diante disso, resumir e combater a desinformação, por si só, não é suficiente. É necessário apresentar a verdade de forma persuasiva, utilizando a retórica como ferramenta.

A retórica, como arte de construir argumentos sólidos, deve ser dominada por especialistas e utilizada para alcançar um público não especializado. Em todas as áreas de interesse, desde a política até a vida cotidiana, a comunicação eficaz é essencial para promover o bem-estar coletivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato aqui apresentado procurou abordar a fertilidade de uma discussão baseada na leitura de clássicos para a formação de habilidades e a disseminação de conhecimentos que, recontextualizados de forma cuidadosa, sejam efetivos no enfrentamento da desinformação em suas múltiplas formas. Além de revelar a estrutura e o histórico da Oficina de Leitura Crítica, ofereceu uma amostra da discussão efetivamente ocorrida nas sessões da Oficina, de modo a ressaltar a produtividade do debate, para o engajamento e a apropriação conceitual dos participantes, no combate à desinformação.

Espera-se que esta contribuição possa inspirar a reflexão e a iniciativa de outros agentes, na promoção de atividades semelhantes, especialmente a respeito da importância da leitura crítica e dos recursos da arte retórica, na qualificação da discussão pública e na comunicação de informações confiáveis entre especialistas e o grande público.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014.** Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em: 17 jul. 2024.



BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018.** Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 17 jul. 2024.

BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei nº 2630, de 2020.** Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em: 17 jul. 2024.

MATOS, José Claudio. A interpretação de textos e a formação da pessoa reflexiva: sobre a concepção deweyana da leitura. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 579–596, 2013. DOI: 10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v27n53a2013-p579a596. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/13781>. Acesso em: 06 jul. 2024.

MATOS, José Claudio; ALI, Thaís; SILVA, Eduardo; BARCELLOS, Alessandra. Novas leituras: reflexão e diálogo na experiência de um projeto de extensão. **Extensio**, Florianópolis, v. 7, p. 122-132, 2010.

MATOS, José Claudio. **Interpretação filosófica de textos:** manual didático. Florianópolis: UDESC, 2011.

MATOS, José Claudio; SILVA, Amanda Cristina da; COSTA, Amabile; MENDES, Lucas. Experiências de leitura e discussão de textos e ações do Programa de Extensão Civilização. **Revista Extensão**, v. 12, p. 95-106, 2017.

MATOS, José Claudio; YANO, Daniela de Cássia; ROHR, Daniele. Oficina de leitura e interpretação de textos: fundamentos e experiência de um projeto de extensão da UDESC. **Udesc em Ação**, v. 2, n. 1, p. 22, 2008. DOI: 10.5965/cidea.v2i1.1712. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/cidadaniaemacao/article/view/1712>. Acesso em: 6 jul. 2024.

RIPOLL, Leonardo; CUSTÓDIO, Marcela Gaspar; MATOS, José Claudio. O contexto da desinformação e a criação da Comissão de Confiabilidade Informacional. In: BEM, Roberta Moraes de; GRANTS, Andréa Figueiredo Leão (org.). **A construção de saberes:** protagonismo compartilhado em serviços e inovações na Biblioteca Universitária da UFSC. Florianópolis: Biblioteca Universitária Publicações, 2018. p. 159-181. ISBN 9788565044189. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192743/AConstrucaoDeSaberes.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 05 jul. 2024.

RIPOLL, Leonardo; MATOS, José Cláudio; OLIVEIRA, Wesley Felipe de (org.). **Leitura crítica na contemporaneidade:** abordagens multidisciplinares. Florianópolis: Biblioteca Universitária Publicações, 2020.